

Bento de Jesus Caraça: Cem anos pela fraternidade¹

João Caraça

Serviço de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian

Faz hoje cem anos que nasceu Bento de Jesus Caraça, cidadão pleno, plenamente confiante na inteligência dos outros, que tive a felicidade de ter como Pai.

A vida de Bento de Jesus Caraça percorre a primeira metade do século XX, com o seu cortejo de horrores e esperanças, de guerras e lutas libertadoras. E, nessas lutas, na avaliação sistemática das esperanças, na procura de racionalidade nas escolhas colectivas, na afirmação da dignidade da pessoa humana, não mostrou fraquezas, não sofreu desfalecimentos.

Alentejano dos quatro costados, nunca se esqueceu nem questionou as suas raízes, antes nelas se remoçando continuamente.

O olhar da mais antiga fotografia conhecida de meu Pai, com talvez três ou quatro anos de idade (não há a certeza da data), sempre me enterneceu. Naquela pose singela, algo formal, numa herdade do concelho do Redondo (a Casa Branca) despontava, sem que o soubesse ainda, uma das almas mais vivas da emancipação das nossas gentes.

Despontava também o século, tão cheio de promessas e de novidades. A câmara fotográfica seria certamente uma delas, por aqueles lados. E, assim, o olhar de Bento de Jesus Caraça, entre o sério e o interrogador, algo tímido, mas diligente, perscruta com curiosidade o futuro.

O futuro que lhe aparecia sob as vestes de uma nova arte, a fotografia, que sabemos ser a primeira a resultar directamente do esforço de criação científica que acompanhou a construção da modernidade. Significativamente, viria mais tarde Bento de Jesus Caraça a ser também um

apaixonado fotógrafo do mundo e dos seus registos.

Mas a imagem do futuro que ele ali adivinhava implicava um corte definitivo com a realidade existente. Uma ruptura nos comportamentos, nos valores, nas representações sociais, nas mentalidades. Uma transformação e reorganização violenta dos interesses e dos poderes societais.

O *como fazê-lo*, foi a questão a que Bento de Jesus Caraça dedicou toda a sua vida de militante e de professor. Porque se pressente que ele nunca duvidou do *porquê*, da razão de ser dessa tarefa central colocada à geração do seu tempo – o despertar a alma colectiva das massas.

É que o passado é o que se vê naquele retrato, à sua volta.

Bento de Jesus Caraça sabe-o já, naquele começo de século. Sabe igualmente que só aprendendo, só pela instrução, só pela ciência, se conseguirá entrar no futuro que o fixa, a ele e ao seu mundo de então, por meio do olho mecânico da câmara.

Esta noção nunca mais o abandonou. Lutou até ao fim pela educação, pelo conhecimento e pela cultura para todos, sem quaisquer limitações impostas.

Deu lições a colegas e a estudantes. Tornou-se professor de matemática na universidade. Participou activa e entusiasticamente no funcionamento das universidades populares. Escreveu artigos nos jornais. Lançou novas revistas culturais. Realizou uma empenhada série de grandes conferências públicas onde traçou todo um programa de

¹ Este artigo foi publicado no Jornal de Letras, no dia 18 de Abril de 2001.

A sua publicação na Gazeta de Matemática foi gentilmente autorizada pelo director José Carlos Vasconcelos.

intervenção cívica, científica e pedagógica. Criou a Biblioteca Cosmos, uma extraordinária iniciativa de construção de uma cultura integral. Participou no movimento científico da época e fundou um centro universitário de investigação. Impulsionou os movimentos contra a guerra e o fascismo e foi um interveniente responsável nos movimentos de unidade antifascista e de unidade democrática a seguir à segunda grande guerra.

Antes do meio do século, em 1948, abandona a nossa companhia aquele olhar vivo que nos questiona, ainda hoje, como que buscando refúgio e solidariedade no futuro situado ali mesmo à sua frente.

Esse futuro, que tão bem definiu no prefácio do primeiro livro publicado na Biblioteca Cosmos como «toda uma vida nova a construir, dominada por um humanismo novo».

E, nesse texto admirável, acrescenta:

«Essa tarefa grandiosa exige uma tensão ao máximo das capacidades e das energias, um apetrechamento intelectual sem o qual não se pode ser, em nada, um bom obreiro. A primeira condição para que isso seja possível é que o homem tenha confiança em si próprio, no seu poder de trabalhar, construir e organizar; que, olhando para trás e fazendo o balanço das coisas adquiridas, possa, no exame desses resultados, colher elementos que lhe permitam entrar com ardor novo na tarefa nova.

Há, em suma, que dar ao homem um visão optimista de si próprio; o homem desiludido e pessimista é um ser



Bento de Jesus Caraça com seu filho, João Caraça

inerte, sujeito a todas as renúncias, a todas as derrotas – e derrotas só existem aquelas que se aceitam».

Esta devoção à causa colectiva, à libertação das capacidades próprias, ao convívio fraterno com os outros, ao entendimento das grandes questões da nossa vida, constituem a mensagem central que Bento de Jesus Caraça difundiu através da acção, rumo a esse futuro.

Futuro que, ao olhar atentamente a fotografia, descobrimos, maravilhosos, que está aqui, que somos nós. Somos nós, que, no espelho do

registo fotográfico, ele interroga docemente, sobre a pertinência da sua visão do mundo.

E que lhe poderemos nós assegurar, neste outro começo, mas de outro século?

Que, se o mundo não é mais justo, nem mais solidário, não é porque ele não se tenha batido desassombadamente contra a arbitrariedade e contra a opressão.

Que, se o mundo não é mais belo, nem mais amigo, não é porque o seu esforço em busca da verdade, valorizando a verdade dos outros, tenha sido em vão.

Que, se é ao mesmo tempo melhor e pior, o mundo, felizmente, mudou. E que, enquanto formos vivos, pela nossa acção, o mundo irá sempre mudar.

Penso que lhe poderemos dizer que *confiamos*, porque contamos connosco e com todos os que entram de frente no futuro.

Com todos aqueles que olham fraternalmente as gerações que se seguem.

Se não receio o erro é porque estou sempre disposto a corrigi-lo.

Bento Caraça